

DOR NAS CADEIRAS

Brutus Desenhadores | Aline Folha, Breno Filo e Wlad Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
EDITORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

DOR NAS CADEIRAS

Brutus Desenhadores | Aline Folha, Breno Filo e Wlad Lima

© 2023 EDITORA DO PPGARTES | UFPA

Av. Magalhaes Barata, 611 – Belém, Pará

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E

PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Ana Margarida Lins Leal da Camargo (Diretora-Geral, em exercício)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra (Coordenador)

Alexandre Romariz Sequeira (Vice-Coodenador)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito (Coordenadora Editorial)

Ana Claudia Leão (Coordenadora Editorial)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof^ª. Dr^ª. Maria dos Remédios de Brito (Presidente)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Claudia Leão (ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Flávia Mendes Sapucaí (ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (ECA, Universidade de São Paulo;
Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior (ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Giselle Guilhon Antunes Camargo (ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva (FBA, Universidade do Porto)

Prof^ª. Dr^ª. Laura Malosetti Costa (IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof^ª. Dr^ª. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (CAC, Universidade
Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy (ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Rejane Coutinho (IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^ª. Dr^ª. Valzeli Figueira Sampaio (ICA, Universidade Federal do Pará)

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

DOR NAS CADEIRAS

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO

realização

BRUTUS DESENHADORES

autores

ALINE FOLHA

BRENO FILO

WLAD LIMA

capa e revisão textual

ALINE FOLHA

BRENO FILO

WLAD LIMA

projeto gráfico e editoração eletrônica

BRENO FILO

digitalização de imagens

MATHEUS AQUINO

direção artística e expositiva

ALINE FOLHA

BRENO FILO

WLAD LIMA

ficha catalográfica

LARISSA SILVA

agradecimentos

ANDRÉA FLORES

MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO

GISELLE MOREIRA

ROSA LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

F664d

Folha, Aline.

Dor nas cadeiras [recurso eletrônico] / Aline Folha, Breno Filo e Wlad Lima. —
Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2023. — Dados eletrônicos
(1 arquivo: PDF).

Os autores compõem o coletivo artístico Brutus Desenhadores de Belém do Pará,
que experimenta, a partir de narrativas interlinguagens, um processo de criação que
fomenta a colaboração, o cuidado, a itinerância, a hibridez, a potência das trajetórias
de vida e a expressividade.

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-63-0

1.Desenho. 2. Arte – processo criativo. 3. Poética. I. Filo, Breno. II. Lima, Wlad.
III. Brutos Desenhadores. IV. Título

CDD 23. ed. – 742

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585



SUMÁRIO

| | | | |
|------------------------------------|----|-----------------------|----|
| NASCEMOS BRUTUS | 07 | Banqueta de banho | 46 |
| A cadeira de embalo | 10 | Banco de livraria | 48 |
| A cadeira que não deve ser sentada | 12 | Banquinho para os pés | 50 |
| A cadeira do desenho | 14 | Cadeira de bar | 52 |
| A cadeira do avião | 16 | Cadeira de diretor(a) | 54 |
| Cadeira da escola | 18 | Cadeira da TV | 56 |
| Banquinho de vida colorida | 20 | Peniqueira | 58 |
| A nossa cadeira | 22 | Poltrona | 60 |
| O vaso sanitário | 24 | Vaso sanitário | 62 |
| A poltrona vermelha | 26 | BRUTUS DESENHADORES | 64 |
| A cadeira destra | 28 | | |
| De cuidar | 30 | | |
| Da farmácia | 32 | | |
| No ônibus | 34 | | |
| Inebriante | 36 | | |
| Verde | 38 | | |
| Divã | 40 | | |
| Espreguiçadeira | 42 | | |
| Branca, de empilhar | 44 | | |

NASCEMOS BRUTUS

Em 2005, em pleno doutoramento em artes cênicas, uma das desenhistas do Brutus teve a ideia de escrever alguns relatos de vida; não de outras pessoas, mas sim relatos autobiográficos. Autoficção, na verdade.

O primeiro relato que veio a sua cabeça foi sobre o tempo que, na adolescência, vivia assistindo TV, sentada em uma cadeira de praia amarela. Não saía de casa, porque vivia deprimida e envergonhada com o tamanho de seu corpo obeso. O segundo, da fase adulta, foi sobre uma cadeira verde de ferro que ela carregava para todos os bares da cidade. As cadeiras dos bares não suportavam o seu peso e não foram poucos os momentos que desabou com a fraqueza das cadeiras plásticas, mas nada a impediu de se dar o direito de curtir as noites.

Após escrever os dois relatos, nossa narradora percebeu que havia uma recorrência entre duas histórias: a relação do seu corpo obeso com os corpos dos objetos-cadeiras; um entrecorpo que revelava muito de suas dores. Por que não construir algo com estes relatos? Como era atriz e diretora de teatro, sua primeira ideia foi de um espetáculo-solo. Algo simples, íntimo, com poucos espectadores. Muito atarefada com o seu doutoramento, nossa narradora, que já havia escrito sete desses relatos, acabou perdendo os arquivos digitais, e para evitar angústia, enterrou o projeto.

Em 2013, em pleno pós-doutoramento – talvez os momentos de exílio voluntário para altos estudos sejam propícios aos encontros consigo mesma - o desejo voltou e nossa narradora começou a armar um caderno de encenação, uma espécie de engenhoca poética, intitulado Cadeiras. Caderno de encenação é uma caderneta de notas, posicionada sempre ao alcance das mãos e direcionada a registrar os pensamentos sobre o processo de criação de uma obra, no caso, uma montagem teatral por vir. Ela relembrou e escreveu novamente seus relatos. Selecionou as cadeiras e as histórias; descobriu como imagem disparadora da obra, o Jogo da Velha, típica brincadeira de infância. Decidiu que o projeto, em sua versão atual, seria composto de um livro e de um espetáculo-solo. Com essa ideia sentada no coração, a cabeça não parou de trabalhar.

No início de 2015, ao voltar para o Brasil, trouxe seu caderninho na mala. Sabedora que carregava ali uma pesquisa-oculta, construída paralelamente a pesquisa do pós-doutoramento, ela se sentia recompensada.

Ah, mas com as rotinas acadêmicas, mais uma vez elas dançaram...

Mas o chamado d'alma sempre grita mais alto. Mesmo entre salas-de-aulas, orientações, pesquisas, reuniões e outros processos de criação em artes emergentes, que lhe demandaram horas, dias, praticamente todos os meses

daquele ano, nossa narradora não deixou de ouvir um precioso chamado:

- Ei, que achas da gente criar um tempo, um espaço para desenharmos juntos? Poderíamos chamar mais alguém, que achas? Perguntou aquele garoto que era todo entusiasmo.

- Acho ótimo! eu topo - respondeu de imediato a narradora - Na próxima semana em minha casa? Desenhamos e depois almoçamos juntos. Combinados? Em quem mais estais pensando convidar para se juntar a nós?

- Nela! (apontou com toda segurança o garoto). - Perfeito! (sorriu a narradora). Ela é ótima!

E assim foi. Viramos três Brutus Desenhadores!

Começamos a nos encontrar regularmente no início de 2016, precisamente em fevereiro. Para começar, ilustramos um livro de uma grande amiga de teatro e depois compusemos juntos, uma obra com desenhos e textos inéditos. Está nas tuas mãos, Dor nas Cadeiras. A ideia do caderninho tomou fôlego e virou livro. Nele, trazemos nove histórias de vida de cada um de nós três; vinte e sete histórias que dançam entre corpos-caadeiras.

Esperamos agora que sentem seus corações em nossas linhas brutas.

BRUTUS DESENHADORES

DOR NAS CADEIRAS

A CADEIRA DE EMBALO

Era uma cadeira de embalo, pequeninha, de criança, toda colorida! Sua base era de ferro e o assento feito de várias tiras de plásticos azuis, rosas – muito pink! –, vermelhos e verdes, aquele verde limão! Era uma cadeira de embalo em que eu, pequeninha, sentava para aprender a amarrar o cadarço do sapato sozinha.

Tinha dois anos, já ía pra escola, e queria amarrar o cadarço sozinha.

– Passa o cadarço por entre os primeiros ilhoses. Puxa e mede, pra ver se os lados estão iguais. Desmancha: o lado esquerdo está ligeiramente maior que o direito.

A memória é falha e pouca, porque era menina muito ninha ainda, mas se fecho os olhos posso sentir o silêncio daquele quarto de piso e armários de madeira, imenso, em que ficava a cadeirinha. Poderia me engolir, aquele quarto e sua tortura! Mas, não! Eu, pequeninha, não considerava aquilo tortura, tampouco tinha medo do quarto. Sua imensidão marrom me fascinava por horas!

– Agora os lados batem. Como cruzar o cadarço?

Entre uma tentativa frustrada e outra, o embalar da cadeira confundia meu objetivo com uma rápida brincadeira. Aquela cadeira era meu castelo, minha fortaleza: quando nela sentava, o tempo era meu e estava protegida de todas as preocupações da vida de uma criança de dois anos, como não conseguir amarrar o cadarço do sapato.

– Cruza direitinho... não pode deixar o cadarço torto!

Naquela cadeirinha colorida, nascia uma parte de mim. A parte que deu tchau para os pais no primeiro dia da escola. A parte que não temia a imensidão das coisas diante da nossa pequenez e queria mais era enfrentar o marrom com suas cores cítricas, afinal, o marrom não é nada além da cor da terra em que pisa. A parte que insistentemente queria conseguir fazer sozinha o que a mãe fazia com o maior carinho. Mas queria sozinha, talvez porque sentisse que, se conseguisse amarrar o cadarço, poderia amarrar o mundo.

– Pronto, tudo cruzado. Checa se os lados batem de novo antes de dar o laço...

Nascia a parte de mim que luta pelo que quer, mas que queria tudo perfeito. É claro que essa parte é autocorrosiva e se destroi, antes mesmo de concluir a tarefa. Não se permite concluir. Deixa o marrom ser maior que o verde limão e rosa pink do seu castelo-cadeira. Aliás, destroi o castelo-cadeira!

– Os lados não estão iguais. Desmancha tudo e volta do início!

Para, eu digo, hoje! Vem aqui comigo, eu. Senta na cadeira colorida, te embala! Espalha cores pelo marrom do quarto. Nem é tão grande assim... Te embala. Não tem medo: do marrom nem da cadeira. Pode desmanchar, sim, mas não tanto a ponto de deixar de dar o laço! Vem, vamos juntas.

– Agora, sim: dar o nó, fazer o laço... consegui!



A CADEIRA QUE NÃO DEVE SER SENTADA

A cadeira é parte de um conjunto de móveis de sala do final do século XIX, de madeira, com várias vigas decoradas no encosto e assento de vime. Já foi pintada de “pele de ovo”, marrom escuro, dourada e agora é vinho, mas um fato a seu respeito nunca muda: não se deve/pode sentar nela.

É tão linda, tão delicada e ao mesmo tempo tão imponente! E quantas histórias deve guardar! Mas, desde criança, ouço minha mãe dizer: “não pode sentar nessa cadeira! Vai pro sofá”. E cada “não pode” era um brilho a mais que reluzia... Ah, como eu a queria! E, assim, apaixonei-me por ela... Aliás, pela ideia de sentar ali. Não, nem era paixão, nem nada de amor, era só vontade de fazer o que não podia, de estar onde não devia, de amar o que não me cabia.

Sentei. Primeiro, aquela sensação de conquista, de missão cumprida. Depois, a cadeira se mostra: o encosto é muito reto, a largura é muito estreita, o assento de viga é duro e pinica, além de deixar a coxa dolorida e marcada. A pele sai ressaqueada dessa aventura amorosa!

E, por mais que doesse, foram inúmeras as vezes que sentei naquela cadeira. E inúmeros os olhares de “bem te avisei” da minha mãe, quando me via com as pernas marcadas, pular fora, fingindo não sentir nada ou, na maioria das vezes, escancarando a dor, porque nunca fui de esconder, mesmo, as consequências dos meus atos. Nem os atos! Quando conseguia sentar na cadeira “que não deve ser sentada”, queria mais é que vissem, isso eu reparei depois. A graça toda era saberem!

Não são assim os amores adolescentes? Ou os amores irresponsáveis? Ou os amores teimosos, não-amores? Ou as aventuras vis? Uma cadeira de longe sedutora, porém de cujo assento não se sai sem assaduras. Não se sai sem tempestade. Não se sai sem sangramentos.

Mas a cadeira “que não deve ser sentada” foi feita para isso: ensinar a sangrar, apurar o olhar. Hoje, já a vejo na sacada, dou “bom dia”, acho bonita, mas, se quero apreciar a lua, gosto de puxar o banquinho colorido da cozinha ou a poltrona alcochoada da sala e não me ressentir com as marcas de vime nas coxas.



A CADEIRA DO DESENHO

Não sei bem quando nem como começou, mas sei que foi desde menininha que escolhi o desenho como fala. Desenhar era parte considerável do meu brincar: era jogo, era invenção, era cidade... e era solidão. Nem todo mundo conhece a potência de diversão que há na linha.

Não sei bem quando nem como começou, mas desconfio ter sido com minha avó Conchita. Ela, costureira e artista, passava os dias no ateliê (ou na sala, onde fosse!), desenhando modelos de roupas para produzir para suas clientes. Eu, neta curiosa, burilava os dedos para fazer como ela. Sentava nos banquinhos ou cadeiras de madeira e copiava o que ela desenhava. No início, contornava umas bonecas-bases de papel e as vestia. E riscava forte, com caneta Bic, sem esboço! Como quem diz: “Ela existe, sem ensaio”.

Em família cheia de mulheres-alfa, eu queria ser todas e nenhuma. Desenhava mulheres, sempre. Quando era homem saía com cara de mulher, não tinha jeito. E conversava com o desenho até me perder de mim e ser aquela lá, feita pelas minhas mãos e meus traços decididos. Minhas mulheres... dava-lhes nome, personalidade, histórias de vida. Todas eu, de alguma forma. Elas existem, sem ensaio.

Entendi, com elas, que o desenho poderia me levar pra qualquer lugar. Até para o nada.

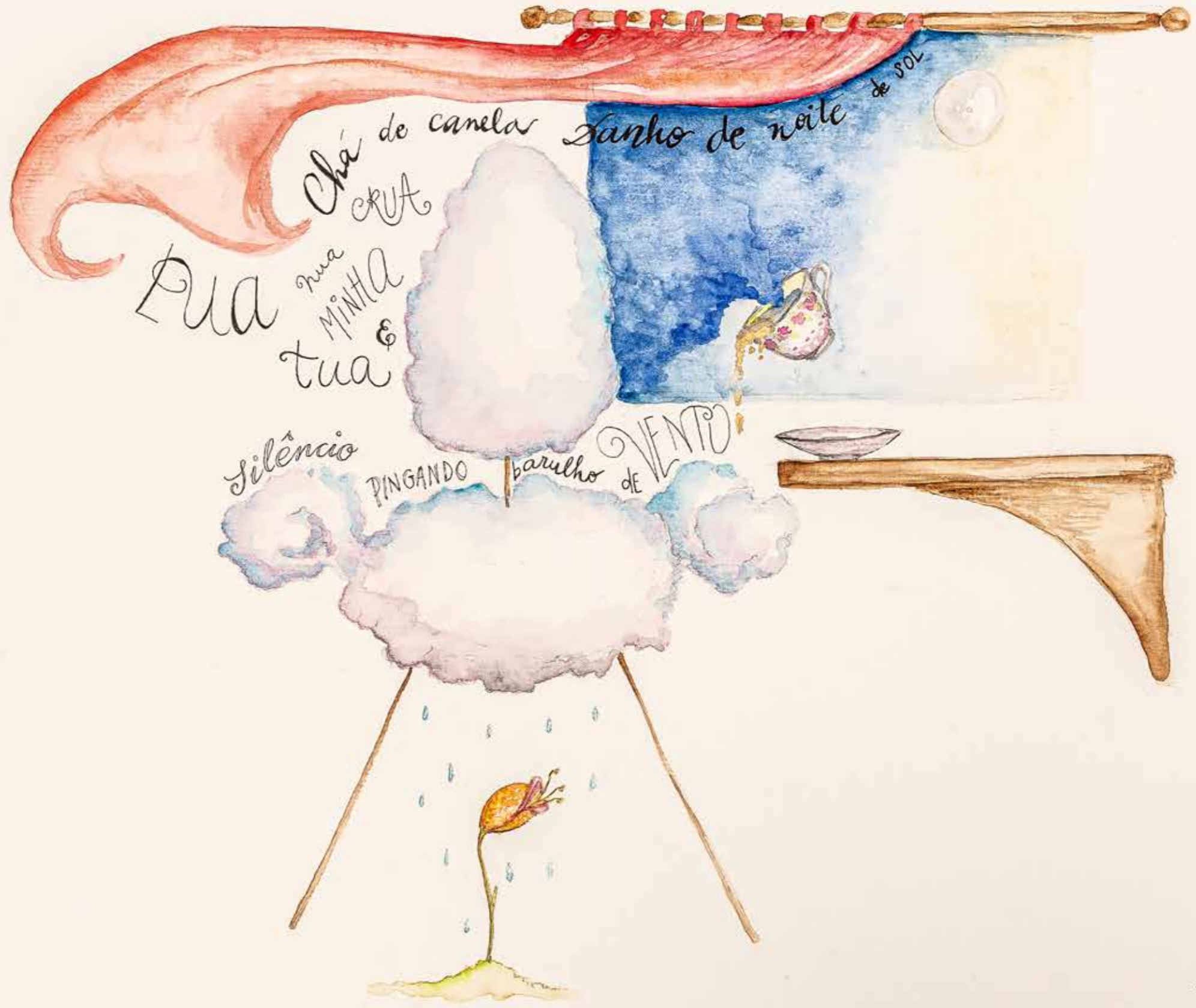
Quando sento para desenhar, não sento: sou fagocitada pelo assento algodãozado. Sou algodão, maleável, absorvente... engulo o mundo e incho. E se o conteúdo é tempestade, encolho e chovo.

Sou algodão silencioso: gosto do silêncio para desenhar. Há tanto som nele! Muito raro ouvir música, porque confunde o barulho daqui de dentro. Ouço o som do risco no papel, passos apressados no andar de cima, conversas confidenciais lá de baixo, na vila. Ouço também gritarias, buzinas, “pega Ladrão!”. Ouço nossa conversa, minha com o desenho: essa é a Joana, engenheira que se cansou de criar estruturas, fez Direito e agora é advogada especialista em divórcios. Ouço o que digo a mim mesma: um ronco do estômago, faminto, ou um desabafo mental. É muito barulho, sim, no silêncio do desenho! É barulho orgânico, de tempo, de lugar, de gente. Nada me inspira mais do que gente! Essa é minha música.

Por sinal, foi com a Cata, nas aulas de ilustração no bairro da Aclimação, que descobri o gosto do desenho: é de chá de canela – que tem gosto de chá de noite e de sol. Porque na fagocitose criativa, dia e noite são um só: tudo é dia ou tudo é noite. Ou ainda nem inventaram um nome pra esse espaço-tempo do desenho.

Não, na cadeira do desenho eu não sento. Viajo, evaporo. Sou piloto do meu próprio avião. Nela, crio-me, despetalo-me, expando-me; nela, sou mãe: de mim, nasce uma coisa tão minha que me come no instante mesmo em que aparece. Sou predadora e presa. Nela eu pingo o mel suor. Pingo de paixão, de amor, de prazer. Nela, sou toda traços, corpo de linhas. Abro-me, como uma cadeira arregaçada, e deixo o desenho entrar... e deixo o desenho sair...

Nela, existo, sem ensaio.



Chá de canela

Sanho de noite de SOL

Água nua
MINHA &
tua

silêncio

PINGANDO

barulho de

VENTO

A CADEIRA DO AVIÃO

Entrei correndo no avião, mochila aberta nas costas, pasta do computador na mão, cabelo desganhado... e chorando. Muito. Mal conseguia falar ou mesmo respirar.

– Senhora, você está bem? Sente aqui...

Três aeromoças vieram ao meu encontro, tentando acalmar-me. Sentaram-me e deram um copo d'água.

– Você não pode viajar assim. É melhor ficar. Podemos colocá-la no próximo voo.

Não! Eu tinha que sair dali! Não queria mais nem um segundo naquele lugar gelado – gelado em todos os sentidos.

O piloto, então, veio ao meu encontro. Surpresa: era o Pedro-piloto, que foi namorado de uma amiga, conhecido muito querido! É... quando a casa chama, ela cria braços elásticos que atravessam espaços dispersos e te acham. E te abraçam. O Pedro me confortou e me aconchegou numa poltrona, como quem diz “sinta-se em casa”. E senti.

Durante todo o trajeto de umas 10 horas de voo, aquela poltrona 5C foi casa. Nela, assisti filmes, tomei suco de manga e coca-cola, comi um sanduiche com presunto – bem aqueles que costumava fazer para matar a fome no meio da tarde – e desenhei. Desenhei muito.

Saí da Inglaterra me prometendo voltar em 4 semanas – eu só precisava de um tempo dali – e deixei lá todas as roupas de frio. Mas eu já sabia, no fundo, que seria pra sempre. Deixei pra trás tudo o que não precisaria no calor, tudo o que poderia me lembrar da tristeza gelada. Mas, na mala verde que acomodei

sob o assento, havia trazido o que eu precisava: meus materiais de desenho. Não precisava carregar mais nada, já tinha uma bagagem emocional de pelo menos 20 anos de toneladas-vida. E pesava!

Na poltrona do avião, pensei tudo isso. E desenhei “tudo isso” no caderninho vermelho. E como parecia longe aquela tristeza! Tantas vezes, ao longo da viagem, me peguei pensando: eu não estou sentindo nada. Saudade? Nada. Dor? Nada. Ansiedade? Nada. Felicidade? Nada. N-a-d-a. Era um espaço suspenso no tempo. O avião era um balão e ali dentro eu estava protegida da bagunça quente dos sentimentos.

– Tripulação, preparar para o pouso.

Puf! O balão furou. Aos poucos, foi murchando e eu sentia o beijo da realidade voltar a mim. É hora de lidar com os problemas. Dessa vez, em casa.



CADEIRA DA ESCOLA

Fui treinada desde cedo para achar que no jogo de amarelinha o único céu que existia era aquela última casa, um semi-círculo no qual se escrevia com letras garrafais “CÉU”. Para a criança não se perder, deve ser.

Melhor aluna. Quadro de Honra. Português, 10. História, 9,5. Geografia, 9. Biologia, 9. Lá em casa não se fazia churrasco quando se tirava menos de 9. Era proibido tirar menos de 9. “Talvez 8 não leve ninguém ao céu”...

“Quero ser estilista, escritora e fazer Direito”, era o que eu dizia. Descobri que a escola te cria exatamente para jogar amarelinha achando que só tem um céu, que pular para os lados é sair do jogo. Eu e minha coleção de boas médias riscamos, então, sem questionar, dois sonhos. O céu certo – siim, a escola te aponta o paraíso – para mim era Direito.

Entre artigos de Códigos reguladores de coisas nas quais eu não acreditava, desenhava. Era meu passatempo preferido, desenhar, desde criança. “Por que não mencionei isso antes neste texto?”. Às margens dos cadernos da faculdade, cheios de anotações jurídicas, dançavam desenhos. Desenhos desejantes.

5 anos. Ufa! 5 anos no céu dos outros, na cadeira dos outros.

Descobri um pouco tarde que naquele jogo de amarelinha, que eu nunca mais havia jogado, não havia um só céu. O céu é múltiplo, é disperso, é onde eu quiser e quantos eu quiser.

“Tchau”, vou voltar a jogar. Quadrado por quadrado, dessa amarelinha. Da minha cadeira, lanço escadas por outros planos, pulo casas e sobrevoou outros céus no meu avião feito, literalmente, de papel. De vez em quando ele se destroça todo no chão, aterrissa em vazios disfarçados de céu. Mas não importa. O que eu quero é me perder nessa vastidão de céus possíveis. Estou cansada do paraíso construído.



BANQUINHO DE VIDA COLORIDA

– Niiine!

Tu chegas correndo com os bracinhos pra trás, como que para dar mais velocidade, e os cabelos presos pra cima com tantas liguinhas coloridas. Chegas à porta do quarto e me dás a mão, tirando-me da frente do computador em que eu, insistente e desesperadamente, me coloco todo dia para escrever e terminar o tal mestrado. “Só um pouquinho não faz mal”, penso, e vou, derretida.

É no tapete da sala nosso espaço de brincar. Em frente à poltrona vermelha, que acolhia meu sono entristecido durante o ano da depressão, coloco um banquinho de patchwork de tecidos coloridos – essa tecitura de texturas estranhas e contrastantes que se costuram umas às outras num padrão inexistente ao primeiro olhar, me lembra a vida, fragmentada e ainda assim tão una –. Não sento nele, não. Nele me encosto, confortável, enquanto sento no tapete contigo. Um novo tempo e um novo espaço criamos, juntas, naquele retângulo felpudo que outrora fora chão angustiante.

Eu, que trabalho com tantas cores, lembrei contigo, minha pequena, que as cores têm sabores.

– Bi, bi, bi!

Sim, eu abro. Abro todos meus potinhos de guache e te encho de rosas, amarelos e verdes. Marcas o papel com tuas mãozinhas. Queres que eu me suje também, e eu faço tudo. Tudo o que quiseres, tudo o que eu puder contigo. Pra ti, minhas cores, minhas tintas, meu riso confortável. Não te contentas com o papel, é claro. Transbordas aquele espaço que havia demarcado

pelo tapete para nosso brincar. Transbordas porque não haveria de ser diferente: tuas cores não cabem naquelas margens. E eu peço que não deixes nunca caber!

Sempre disse que ser mãe não era meu sonho. E talvez não seja mesmo. Mas tu acendeste uma luzinha, me mostraste o mais perto do que é esse amor, esse precisar e esse aprendizado diário com cada conquista tua, com cada mancha colorida que deixas no tapete ou fora dele. Se passo pela sala quando não estás, vejo teus rastros. E não tem como não sorrir por dentro e pensar um pensamento gostoso do que vens me ensinando: a transbordar o que defini para cada lugar que eu habito.



A NOSSA CADEIRA

Entrei no salão e já o vi, de canto de olho, sentado com os amigos na mesa logo à direita. Lembrei da primeira vez que o vi, uns três meses antes, no mesmo salão, mas não tão de canto de olho assim. Naquela ocasião, desisti: estava acompanhado e a última coisa que eu precisava era de confusão.

Continuei caminhando até o final do salão, na mesa de doces, tentando ganhar tempo para pensar em como agir. Havia me visto, eu sabia. “Ai, meu Deus, ele tá vindo, ele tá vindo!”:

– Oi! Vim pegar o autógrafo da artista que fez esses quadros... – ele disse, apontando para os quadros na parede do salão, com um sorriso. E os olhos verdes me chamaram.

– Oiii! Haha... – sim, meu riso tímido o recebeu – Tudo bem?

Essas foram as primeiras palavras que trocamos ao vivo.

Caminhamos de volta à mesa dos amigos dele. Sentamos. Minha cadeira ficava bem ao lado da porta. Hoje, sei que ele diria algo como “era o seu inconsciente, preparando-lhe para sair ao menor sinal de um desgosto”. É, talvez fosse mesmo meu inconsciente cansado das incertezas, protetor. Mas eu fiquei, completamente consciente de que escolhia ser seduzida por aquele olhar de mar. E conversamos tanto e sem parar a noite toda. Era aniversário de um amigo em comum e esse dia ficou conhecido como “o dia em que não fomos”: bem, nós fomos, mas não estávamos lá. A noite foi só nós dois. E uma fatia de bolo de chocolate. Era forte, amargo, “hum-hum”, não gostei.

– Deixa eu provar – ele enfiou o garfo no meu bolo.

Naquele gesto, as poucas horas do primeiro contato pareciam anos de convivência. Ali eu soube por quê ficara. Ali eu senti, pela primeira vez, o azul daquele mar que deixava envolver meus pés, ainda na beira. Sentada na margem da sua imensidão, lembrei que meses atrás a dona Sara me mandou um recado das suas entidades:

– São as ondas azuis que te farão ficar.

Naquele tempo não entendi o recado, mas sentada ali de frente para o olhar verde de ondas azuis, olhar de maresia, ficou tão claro! Era ele, minha calma. Toda minha cigania por tantos lugares foi sempre em busca de amor. Em busca de completude. Precisei voltar para casa – literalmente – para me encontrar, para o encontrar. Aquele salão em que o vi pela primeira vez, aquele salão em que trocamos palavras e cores no dia em que não fomos, havia sido, por muitos anos, o pátio da casa em que cresci. O pátio da casa em que minha mãe cresceu. A vida é estranha, né? A gente sai sem querer voltar em busca de algo que não sabe onde achar. A gente volta, querendo voltar, já nem pensando mais em achar. Mas o amor, eu diria, está sempre em casa.



O VASO SANITÁRIO

Acontece comigo, desde muito pequena e com alguma frequência – que eu não sei bem dizer qual, mas é alta –, uma coisa que passei a chamar “síndrome do xixi”. Ela chega de repente e então minha bexiga fica cheia de 5 em 5 minutos, aproximadamente, obrigando-me a ir ao banheiro sem parar. Não é exagero, não é drama. Pergunte a quem convive comigo: em 5 minutos, é muito líquido que sai!

Não sei o que o médico dizia sobre isso quando eu era criança, mas em recente consulta, agora, já me entendendo por gente, ele – o mesmo doutor Alberto que me atende desde menininha – falou para prestar mais atenção ao que estava sentindo no dia em que acontecesse a tal crise. Pois assim fiz.

A crise chegava e eu logo começava a pensar no que havia acontecido naquele dia para me levar àquela situação. E nada. Não conseguia dizer o sentimento, não conseguia encontrá-lo em mim. Mas insistia. Pensava, pinçava, pesava os momentos. Como a vontade de urinar reaparecia em poucos minutos, comecei a permanecer no banheiro, sentada no vaso, esperando – pelo esvaziamento da bexiga e do dia em pensamentos.

Penso, pinço, peso os momentos. Até hoje, confesso, não consegui um dia sequer identificar o tal sentimento que me domina no dia em que a “síndrome do xixi” aparece. Mas aprendi a tirar bom proveito das horas de sono que ela me rouba no banheiro. Agora, a crise chega e vou nele entrando, tirando toda a roupa até ficar nua. Dispo-me por completo, até a alma! Ali, no vaso sanitário, encontro meu dia, minha semana, lembranças em câmera lenta, meu passado distante, pensamentos esquecidos, pensamentos em rascunhos, uma distração musical, planos para o amanhã, coragem para algum “daqui a pouco”...

Bendita crise, que me ensina a escutar um pouco mais do meu silêncio!



A POLTRONA VERMELHA

Sentava na poltrona vermelha da sala, em frente à TV, por volta das 9h da manhã, quando acordava, ainda com o corpo pesado do remédio.

– Quer nescau, Li? – a Lelia vinha me abraçar.

CSI, Criminal Minds, The Big Bang Theory... meio dia: é preciso almoçar, mas não tinha fome. Foi nessa época que confirmei ser o almoço uma convenção social, apenas. Não comia na poltrona, ela não era feita para obedecer a esse tipo de regra.

– Não comeste nada... assim, só vais emagrecer!

Pouco importa. Voltava pro meu abrigo vermelho. Agora, um filme. Qualquer um. Duas da tarde: hora de sentar em outra poltrona, em outra sala, de frente para outra pessoa e não uma TV, e contar a ela sobre o nada que eu andava fazendo, sobre o tudo que me sufocava por dentro. Às 15h30 estava de volta à vermelha. Relaxar... não vou me pressionar. Esse é meu tempo de falar comigo e quando eu me encontrar em mim as coisas vão mudar. Hão de mudar...

– Bora, menina, reage! Levanta dessa cadeira! Já está na hora de melhorar, tá demorando muito!

Era minha mãe, falando desesperada, às cinco da tarde, quando de volta do trabalho se deparava comigo dormindo, na poltrona. Naquele tempo compreendi que minha inércia doía mais nela do que em mim, porque as pessoas ao seu redor se preocupam mais com seu tempo do que você mesma. Depressão não é uma doença que se sofre de todo sozinho...

Às 20h, era meu pai que chegava. Conversas familiares, um chamego entre nós três. Mamãe sentava comigo na poltrona, como quem carrega no colo. Mais tarde da noite, meus pais já recolhidos, eu continuava na poltrona: era bom assistir um programa qualquer para tentar dormir. Adormecer na poltrona, mesmo tendo o trabalho de ir de madrugada para a cama, dava uma sensação de paz.

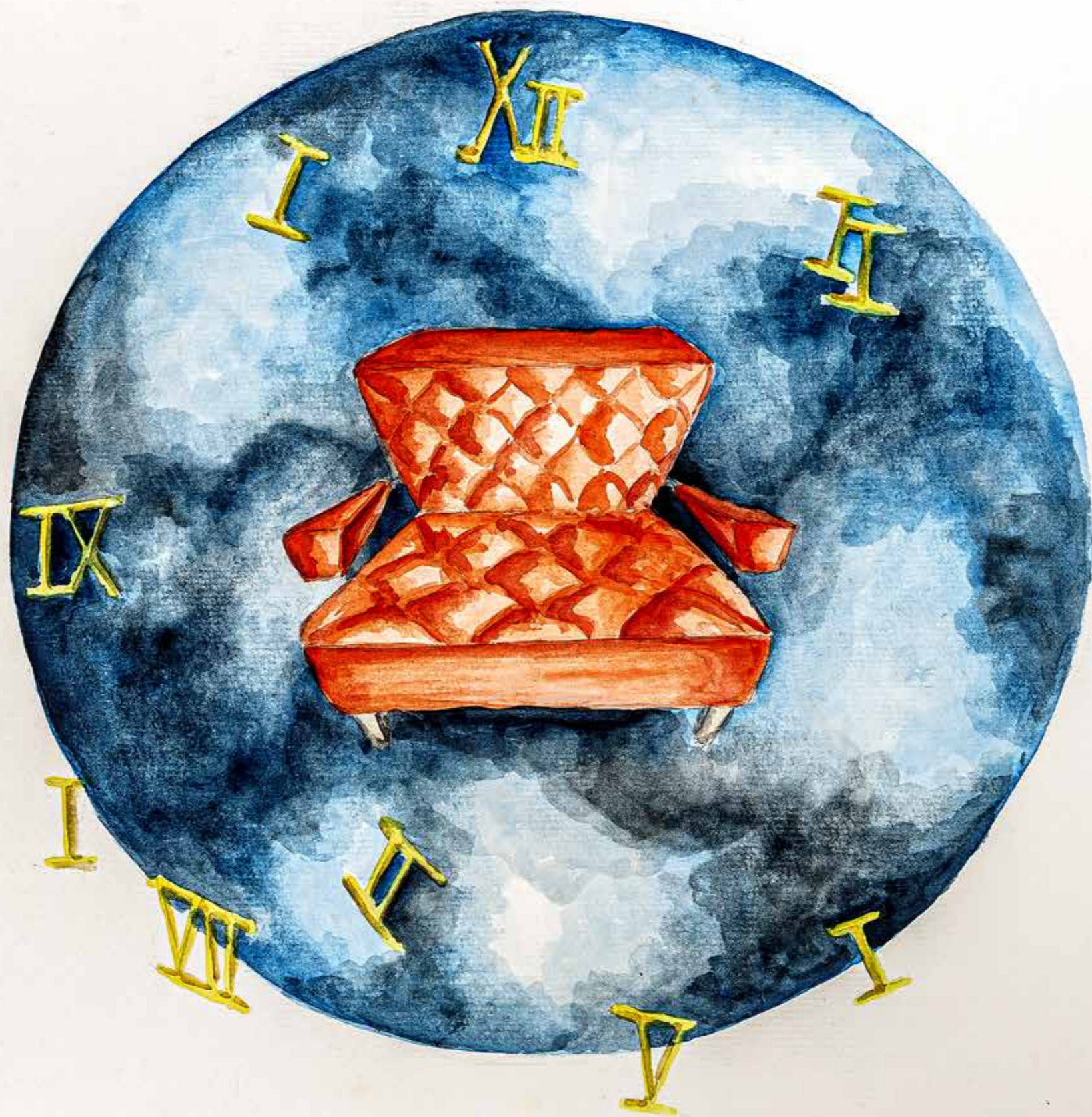
– Bora, mana, bora pro quarto – Era meu irmão que chegava de uma festa com os amigos e pegou o controle da TV para desligá-la.

– Não, não desliga, eu tô vendo... – zozza, respondi.

– Ah, tu estás vendo filme pornô?

Espantei-me, olhei pra TV, olhei de volta pro meu irmão e os dois gargalhamos. Na AXN, depois de certa hora da noite, a programação envolve trocas de casais e cenas picantes.

E, assim, a poltrona vermelha engolia meu tempo e me empurrava dia abaixo. Não sei como, nem quando, exatamente, os momentos nela esparramada começaram a diminuir. Agora, chego do trabalho e dou de cara com ela, solitária, na sala. Não estou mais lá, sinto, mas tenho sempre um sorriso agradecido para lhe oferecer ao fim do dia: obrigada pela acolhida, querida.



A CADEIRA DESTRA

1º Giro da garrafa:

- _ Tiany, por gentileza, escolha quem será a próxima vítima!
- _ Endah, verdade ou desafio?
- _ Verdade.
- _ Tá! Já ficaste com alguém daqui da escola?
- _ Não!

2º Giro da garrafa:

- _ Nelsiolla, a ponta da garrafa!
- _ Bianco, é contigo, verdade ou desafio?
- _ Verdade...
- _ Bianco, Bianco... cê já teve vontade de ficar com outros meninos?
- _ Bem, as vezes achei um ou outro menino bonito, mas acho estranho. Já fiquei com uma menina e foi legal. Será que é tão diferente assim?

Um enorme silêncio produzi, como quem pensa a respeito de uma profunda questão existencial a beira de um precipício. Pensei em falar, cogitei desconversar, construí fantasias sórdidas, nas quais abria uma brecha no espaço-tempo e desaparecia da calçada de trás no ginásio novo da escola, aonde nos escondíamos, o grupo de teatro, para brincar de nos conhecer e satisfazer nossos imbebes desejos.

No entanto, a vontade de responder com um pouco de verdade, ao menos, venceu:

_ É, já pensei sim! - eu disse, e foi libertador. (Finalmente! Finalmente!)

3º Giro da garrafa:

- _ Jackye, sua vez!
- _ Fale logo, Bianco, quem é?!
- _ Ah, não é ninguém daqui... mas escolho desafio!



DE CUIDAR

Nos finais de tarde, após encontrar-me com os cadernos e unidades para casa, chega a hora dos desenhos animados, novelinhas, e, finalmente, o lanchinho. O recebia com muita felicidade, de bandeja. Equilibrava sempre os quitutes sobre o banquinho, de modo que, confortavelmente, produzisse uma miniatura da mesa de jantar. No copo de requeijão o suco de espantar resfriado, cortadinha sobre um pires, as frutas de amaciar cocô e as bolachinhas da traquinagem, na medida certa. As vezes uma mamadeira com nescau, só pra matar saudade.

Talvez, por muita curiosidade, ou mesmo por ter sido cuidado com tanto carinho, tenho uma especial curiosidade com as artes da cozinha. Na lida cotidiana com as cozinhas, descobri que o corte certo de temperos torna o sabor da comida precisamente especial, aprendi que a areagem de panelas as tornam reluzentes, e que a transformação de claras em ponto de neve de fato são o segredo de uma massa leve.

Entre batidas, marteladas, cortes, ralações, música e dança.

Para o preparo de bons pratos, é preciso ritmo, um corpo alterado.

Nos entreatos das fervuras, refogados e frituras, a rádio embalava a todos em movimentos diversos, passos de aparelhagem, ritmos de massa. Nunca me faltaram pares de dança na cozinha da infância. Com gentileza e generosidade, mulheres incríveis conduziram-me os passos, as receitas, as maneiras que tornam o ato de estar junto, uma verdadeira festa.

Preparos e movimentos que me levaram a criação de algumas receitas.

Compartilho contigo uma sobremesa que inventei dia desses, para receber o bebê da Barbie, minha prima e antigo par de dança:

O pavê do babado!

Para o creme, precisas de: três latas de creme de leite, meio quilo de cupuaçu ou bacuri e uma lata de leite condensado. Para o doce, é necessário: meio quilo de açúcar, meio quilo de cupuaçu ou bacuri e meio copo de água. Para o momento de compôr o quitute: dois pacotes de biscoito de champagne, duas barras de chocolate, um refratário de vidro bonito e grande.

O preparo não requer muita maestria técnica, mas atenção.

O creme requer a mistura de todos os ingredientes no liquidificador, num tempo e velocidade que permita a homogeneidade dele.

Reserve.

Já o doce é cozinhado em panela, num fogo médio, com todos os ingredientes sendo constantemente misturados com uma colher de pau, até formar um ponto de geléia de consistência mole e tonalidade âmbar. Como música de fundo, sugiro uma cumbia assanhada.

Assim que o doce ficar no ponto, é preciso montar o pavê, quebrando o biscoito em pedacinhos, ralando o chocolate, e fazendo as seguintes camadas: biscoito, creme, doce, biscoito, creme, doce, raspas de chocolate. É uma arquitetura deliciosa de se erguer. Após algum tempo de geladeira, muito suspense nos diálogos de redes sociais da família e estará pronto para servir.

É um babado forte e adocicado, servido em travessa.



DA FARMÁCIA

Na saúde e na doença.

Quando menino, tinha uma cadeirinha de praia na minha vida, mas não havia solo arenoso para pôr os pés.

Onde ela ficava? Na farmácia de meus pais.

Nova Vida era administrada por duas vidas, uma ao lado da outra, há muito tempo atrás.

Um lugar que viveu e morreu duas vezes, assim como o amor deles. Um lugar que não sobreviveu a uma doença amorosa, e nem a um transtorno monetário. Não houve economia, só excesso de incompreensão.

Própolis, garrote, aparelhos de medir pressão.

Dentre os objetos que restaram de lá, depois de tanta bagunça, essa cadeirinha.

Sentado nela, fazia deveres de casa. Animais em extinção, textos enciclopédicos.

Entre receitas e consultas ao estoque, fazia também alguns origamis, junto de meu pai.

Confesso que queria superar meu velho nas dobras do papel.

A cada dobra, um pequeno pedido. Passarinho, peixe e avião.

Girassol!

Queria me afastar dali, achava a rotina de vendas tediosa, e hoje penso nesse objeto de sentar na praia como uma espécie de transporte.

Um fóssil, do fundo dos porões, posto em ação.

Gostava também de desenhar, e ficava feliz quando alguém elogiava meus traços. Eu buscava os olhares ternos de minha mãe e da clientela ali de passagem, atrás da vidraça. Certa vez me empolguei com um elogio e desenhei na parede, pra nunca mais. Não faz bem pro couro. Passei a me segurar, comedido. Não queria traçar ainda mais caminhos para a peia.

Passarinho enjaulado, peixe no curral e avião em reparos.

É hora de levantar, fazer as contas, fechar a loja, sair da farmácia, voltar para casa:

_ Filho, posso sentar ai um pouquinho?

_ Só se eu ganhar uma hora de videogame!



NO ÔNIBUS

_ Tem dias em que me sinto pequeno e, no entanto, transporto extensos abalos dentro dessa pequenez.

Inspiro.

Expiro e corro para algo que me chama, lá fora.

Algo me escapou em certo momento, objeto esquecido.

Tenho pressa, e invento uma necessidade qualquer para ver meu amor. Ir para aula, curso, fazer trabalho com grupos de colegas. Seminário. Para sair de casa, tem que ter permissão. Só com um bom motivo.

Quando finalmente consigo sair de casa, costumo esquecer algo: o gás ligado, a louça por lavar, verificar o ferro de passar, as luzes, o quarto trancado, o RG. Algum ritual por fazer. Tranco e destranco os cadeados três vezes seguidas. Sejam o que os deuses quiserem!

Sempre esqueço algo importante quando saio de casa, coisas necessárias.

Um instante, nossa condução chegou!

{...}

Retomando...

_ O que esqueço? Não tenho como saber assim, de pronto. Preciso farejar, argh.

No caminho farejo, me deixe pagar a passagem.

Não há lugar pra sentar, lugar abafado.

Nessa circunstância, impossível não farejar as pessoas.

Sou assaltado pelas pessoas, por duas meninas mais precisamente. Naquela direção ali, olhe discretamente. Fardinhas do Santa Catarina. Meias três quartos e saias azuis, plissadas, bem de mocinhas, bem espevitadas. Elas conversam algo a respeito de freiras, cigarros e banheiro feminino. Ao mesmo tempo, uma delas flerta com um rapaz ativo. Ele aparenta ser bem mais velho. E correspondia, o safado!

Finalmente, um lugar nesse ônibus! Com licença, senhora, argh, uff!

Sentado, com sorriso contido, sinto nesta menina a emanção de um desejo amoroso repentino, um dardo lançado direto ao meu dolorido peito.

Os esquecimentos, o movimento apressado e os encontros fortuitos.

Trovão! Sinal de chuva!

O vento adentra, rodopia e sacode a todos: vem tempestade em minha vida.

Uma brisa me chocoteia com gotas afiadas de chuva, a senhora ao lado reclama.

Mas não quero fechar a janela...



INEBRIANTE

Que esquisita foi nossa brincadeira na serra.

Num rompante, achamos que seria legal ir pro Nordeste, e passar dois dias em um lugar gelado.

As vezes, ainda me pego surpreendido.

Brincar de lua cheia de mel, com dois meses de namoro.

Lembro desse dia, quando nos tornamos signo amoroso numa tarde de cansaço e bagagens num terminal arenoso.

Que encontro! Antes disso, só tontura.

Ainda sentia dores de outras chagas, e você tinindo ares de primeiro amor. Nossa diferença me assustava, e me intriga até hoje. Lembro bem do dia da piscina impossível de gelada, da caminhada para espantar a ártica brisa que nos tonteava, de como ríamos.

Chegamos de volta na pousada dos olhares atravessados ainda zonzos. Dentre as trocas de olhares e carícias tímidas, meu corpo ainda era terra sólida de tantas defesas e você movediço, delicioso. Tu pensando que eu era um poço profundo de experiência e eu só reforçando essa impressão, enquanto pavimentava, com grossos blocos, uma imensa fortificação, concretando desvios, desvãos e injúrias fantasmáticas.

A torre que tu me ajudaste a demolir tempos depois.

Mas lembro desse dia, e dessa noite de dezessete graus em pleno nordeste. Foi um dia bonito para balançar-nos, nos deixar dissolver com notas tintas e suaves, e chamegar, amar...

_ Mas está gelado - tu disseste, trêmulo - vamos ficar à beira da piscina?

E eu, bêbado e desbaratinado, ensaiando malinações naquela água geladíssima, te respondi:

_ Ah! Mas se é pra amar, bora se jogar!



VERDE

_ Escrever é desenhar?

Produzir a si não tem pouco gozo, não mesmo.

Um certo verde me invade a vista sempre que abro a janela de manhã cedinho. Suís e jandaias circundam mangueiras, assustadas com a presença de uma rapina à espreita.

_ E tenho de escrever.

Amanheci entorpecido. Suspirante, arrumo as emaranhadas colchas do nosso amor em sonhos, e espanto o sonolento cãozinho de seu insistente sono. “Como está velho.” Penso.

_ Eu preciso escrever? Deixe-me acordar primeiro!

Cozinho nosso café, refogo sua comida. O afeto acompanha torradas, ovinho puchê.

_ Pra ti pequenino, arroz sem sal e carne da latinha!

Três batidas de leve com a colher, e num solavanco, corres pra mim. Quer dizer, pro seu alimento. Desconfio ser teu alimento também, bichinho.

Procrastinar e gozar são coisas diretamente proporcionais, penso.

_ Sim, preciso escrever.

E ligo a tevê pra tomar café, amaionizando as torradinhas. Um zap, outro zap. Mudo de canal e me deparo com um documentário sobre arte gótica. Produção que seria muito chata se não fosse a homossexualidade e o escândalo de mansão extravagante do nobre que a inventou, na Inglaterra. Um lugar à margem da cidade, diga-se de passagem. O que me faz pensar.

Desligo a tevê.

Me dirijo ao fluxo da lavagem de louças, que poderia ser o fluxo da escrita, penso.

Pra depois, penso.

Penso.

Penso.

Penso.

Fica pra depois, penso.

Ps. Eu preciso sentar pra escrever!



DIVÃ

Um vazio. Um fragmento. Uma imagem. Uma associação, outra associação.

_ As vezes venho pra cá tão cinza quanto essa parede. Hoje é um desses dias.

_ Hm...

_ É, não ando muito bem. Até sonhei essa noite, e acordei intrigado.

_ Hm.

_ Sonhei que estava no terraço de algum prédio muito alto, uma estranha festa. Meu celular vibrava o tempo todo. Mensagens de mamãe: “traz o remédio”, “compra dipirona”, “tenho enxaqueca”, “compra o cartucho da impressora”. Muita demanda. Num flash, já me encontrava arranjando as coisas para ela, correndo para atendê-la. Puf! Subo na garupa de um maravilhoso mototaxista, me dirigindo até um suposto apartamento. Noutro prédio colossal. Uma excitação me fervia o corpo em contato com o jovem. Deixei de apoiar as mãos na garupa da moto e passei a abraça-lo, e entre cantadas e pequenas safadezas faladas, roubei sorrisos e vontades. Apalpei-o, bem naquela massa rija que fazia a calça quase explodir. Pressionei-o noutros lugares, só pela curiosidade de conhecer campos ainda não explorados... queria levá-lo pra casa. Subitamente, o sentimento de impotência. Não posso. Não devo. Poderia chatear mamãe. Como levar para casa alguém que mal conheço? Antes isso não era problema...

Dispensei o boy com pesar, subi as escadarias e cheguei até uma porta. Uma porta errada.

Entra em cena o analista, com um namoradinho apijamado:

_ Não queres passar a noite conosco? - diz o namoradinho.

_ Eu dou um desdobro na tua mãe. - diz o analista.

_ Um dia a gente volta a morar junto - diz mamãe, tomando de minha mãos os medicamentos...

Fim do sonho.

_ HMM. Vamos associar?

_ Não sei se estou em condições de associar. Tudo está muito codificado, intrincado e hermético. No entanto, pensei em um grito vindo de uma longa distância.

_ Hm?

_ ...



ESPREGUIÇADEIRA

Entrelinhas de um amor enredado em naufrágios:

_Assim tu queres me ferrar! Não fazes nada direito. Acho que devo te tratar feito um analfabeto. Só ficas ai emburacado nesse quarto. Viadinho. Desempregado e trancado nesse muquifo. Andas sujinho, hein. Cadê as boas colocações? Aposto que ficas ai só mamando na teta do governo. És petista? Porque te expões desse jeito no feice? O que as pessoas do trabalho do teu namorado vão dizer? E essa tatuagem? Imensa! Desnecessária! Não vais conseguir trabalho, estás marcado. Bicha tatuada e artista. Te prepara, pois vais morrer sozinho. Quero ver se eu tô errado, pois tu és o certo (sic). Onde já se viu, arte ser a religião de alguém! Queres ser o fodão, sempre com a razão. Não vais fazer teatro, lá só dá gente que não presta. Arte não dá retorno, sonho não é garantia de dinheiro no bolso. Tás fazendo concurso? Saiu um ótimo no diário oficial, já até fiz tua inscrição. Por favor, mantem esse celular ligado! Atenda o telefone! Fica atento! Desça e guarde as compras! Descongele a comida. Como foi a cirurgia? Não demore! Já estás vindo? Me avise quando chegar! Faça uma boa viagem e reze ao Anjo da Guarda! Comprei o açaí branco, língua de boi e picadinho de músculo que você gosta! Compre o seu remédio, depois lhe reponho. Sei que não é grave, mas tire isso a limpo com o médico. Qual o melhor filme do momento? Trouxe pastel! Filho, onde você está? Vê se almoça em casa! Mande um abraço para seu amor! Estás vindo? Deixei bifés descongelando... Filho, retorne. Retorne. Por favor, retorne! Cuidado, filho. Avise quando chegar na cidade. Assunto encerrado! Grato!



BRANCA, DE EMPILHAR

Frágil, o menino deitado à beira do rio rodeado por seus amigos.

Bêbado, ele contava histórias com a língua enrolada, e o corpo em suspensão, a respeito de sua intensa vontade de desbravar o mundo afora.

A noite era de ventos e maresia gelados, de arrepiar a espinha.

A pequena turba de jovens rapazes e moças reuniam-se, lânguidos, sobre um grande edredom estendido na areia branca. Estavam em festa, fartos de vinho e fumo, sob as tremeluzentes luzes dos astros, que mal os alcançavam. Cantavam e contavam histórias e anedotas.

O menino, subitamente, tornou-se introspectivo e contido em pensamentos e maquinações... olhar vidrado e respiração bem pesada. Cogitava. Será que o dito valia mais que suas entrelinhas? - questionou para si. O não-dito, por vezes, o encantava, hipnotizava. Torturava também. No que se ocultava, para ele, estavam os argumentos mais afiados, as trilhas mais sensíveis. No entanto, interrompeu seu pensamento para contar ao grupo a respeito de um imenso besouro encontrado sob uma cerca, pendurado com habilidade, e gigantesco. E voltou para seu íntimo abismo. As criaturas desse mundo o impressionavam, tanto quanto uma entrelinha fugidia vindo à tona num discurso.

Nas margens de suas narrativas, circunscritas entre ímpetos de partida e movimentos errantes pela cidade, estava um oceano. Uma superfície misteriosa, de múltiplos movimentos, que escondia em suas profundezas, ao mais breve mergulho, fragatas, corpos, objetos perdidos, afogados, fantasmas, destroços, criaturas sinuosas.

Indícios de experiências difíceis. Testemunhos de naufrágios, desequilíbrios.

Tais descobertas deixavam o menino assustado.

Ele desejava, de uma vez por todas, ir embora desse território assombrado.

Ele, apequenado, às vezes até chorava, assustado com a imponência de toda essa água.

Mal sabia esse menino que, para atravessar o turbilhão, precisaria construir uma embarcação com tudo o que encontrasse à mão em terra, ou sob as barrentas águas. Clamaria por tripulantes, entre convites e raptos, não importa, contanto que fossem pessoas tão desejantes de aventuras quanto ele.

Entre escombros escavados e levados à superfície, tesouros seriam revelados e inventados, dando recursos e vigores novos à jornada.

E que, finalmente, precisaria aprender a ler as estrelas, a escutar os ventos, e sentir o movimento da natureza ao redor, de modo a evitar ser pego de surpresa.

Para sair da ilha, seria necessário aprender a navegar e enfrentar o medo.

Içar velas, desatracar e encarar Poseidon de frente.



BANQUETA DE BANHO

Gosto de banhos longos, ao ar livre; banhos de quintal.

Meus banhos são matutinos, de preferência. Afagos no corpo exigem tempo e minhas pernas não aguentam mais que alguns minutos em pé, precisando receber as águas, sentada em uma banquetinha plástica, resistente ao sabão e ao sol.

Rolam águas-pensamentos, águas-argumentos, águas-projeções e águas-orações. Vida líquida massageando as dobras gordas do meu corpo.

Sob um céu azul lindo, me inspiro a inventar poesia. Fiz um haicai composto com os olhos pregados nessa lona brilhante.

Jaz uma pipa no coqueiro.

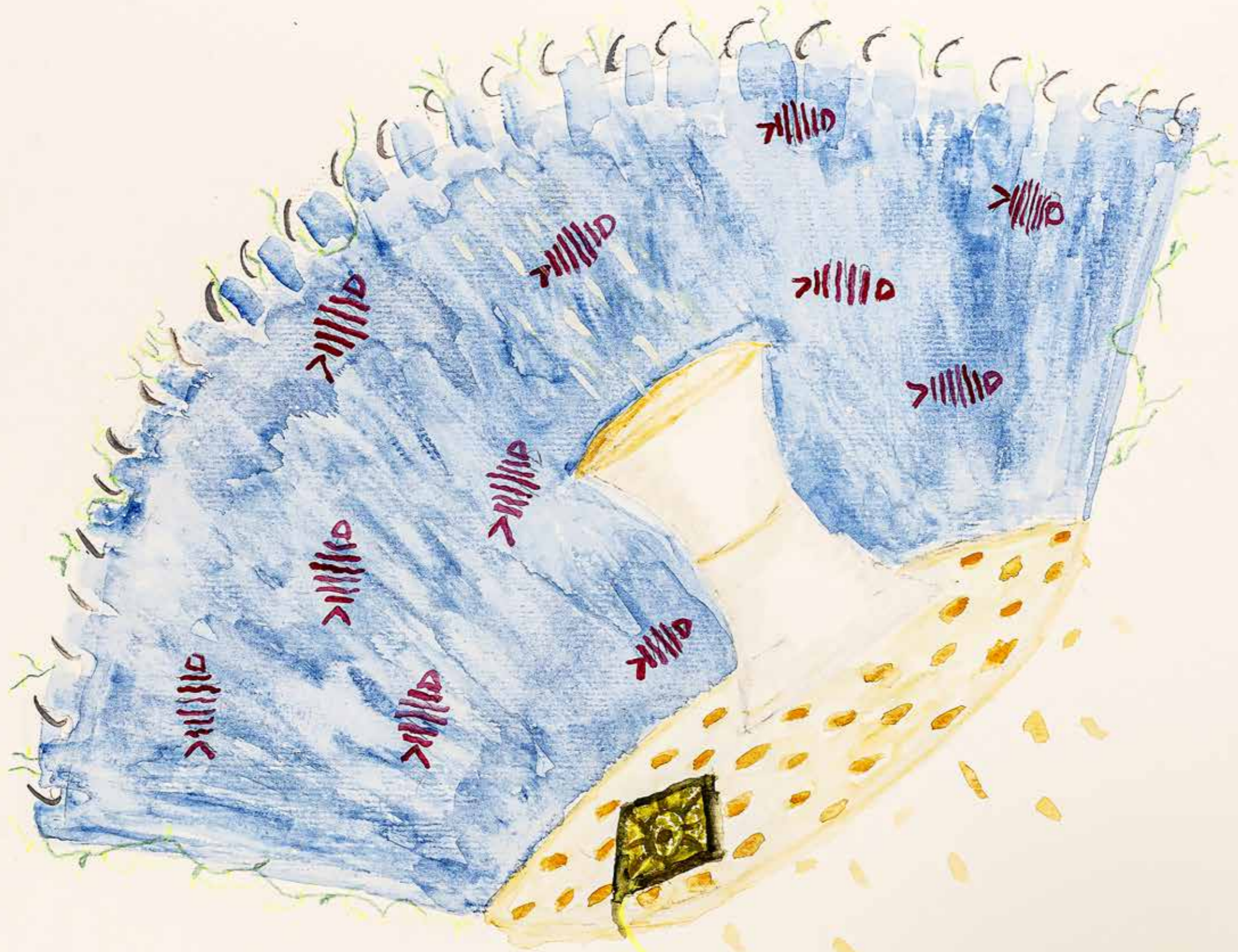
Ah! Telhas se mantêm intactas!

A cidade, já barulhenta, corre lá fora, por trás do muro alto. O mesmo muro que impede meninos de correrem atrás dos papagaios nos meses de verão - junho, julho e agosto - meses de empinação de cangulas e curicas.

Nas minhas orações de todo dia eu rogo:

banho de quintal, me ajuda a derrubar muros e inventar mundos?

Aqui sentadinha, nessa banquetinha que ameaça quedas.



BANCO DE LIVRARIA

Bom dia Dona Wlad, na sua visita de sempre, não é? Se precisar, é só chamar.

Assim sou recebida uma vez por semana, às vezes duas, pelos universitários-trabalhadores no salão da minha livraria preferida na cidade em que moro, Belém do Pará.

Tenho isso como rotina a muitos anos. Brinco que quando quero fugir, fujo pra livraria, e nela, qualquer amigo me acha fácil, fácil. Saio de casa dizendo: vou dar uma volta, não sei a hora que chego. E lá de dentro de casa vem uma voz: vais ficar até a noite na livraria ou vais, depois, pra outro lugar? Impressionante! Nem fugir eu sei. Todo mundo sabe pra onde vou.

Minha rotina na livraria, se assim posso dizer, rotina, começa pelas estantes da vitrine - afinal, lá estão as novidades, os lançamentos. Das vitrines passo pelas estantes de teatro, poesia, artes visuais e aí, entro novamente no salão onde reencontro os atendentes-universitários-trabalhadores. E aí, deles, vem, sempre, outra frase esperada: Dona Wlad, aqui está um banquinho pra senhora sentar e melhor folhear seus livros. Eu, agradecida, digo: não obrigada, se precisar, eu peço.

Gente... Eu me pergunto: entra universitário, sai universitário e ninguém percebe que eu, gorda desse jeito, não vou conseguir sentar nesse banquinho? Será pudor, assim...Tipo, pensando: ela não vai conseguir sentar, mas mesmo assim, devo oferecer-lhe um dos banquinhos da loja.

Ou é isso, ou eles falam sem se darem conta. Ou será o meu mau humor gritando, baixinho: estrupício! A montanha de livros que

separo para ver, folhear, confirmar antes de comprar, é maior que este banco. O livro do Karl Jung que comprei semana passada - o famoso livro vermelho - é maior que este banco.

Com quem está a estupidez, nessa história? Com o banco? Com o dono da livraria que comprou os banquinhos? Com a cultura livresca que acredita que banco de livraria tem que ser desse tamanho? Com os universitários-trabalhadores que oferecem os bancos à todos, independente do peso do cliente? Com o estúpido tamanho do meu corpo?

Estou escrevendo esse texto para ser lido por vc leitor, ou escutado por você leitor-ouvinte, ou visto por você leitor-ouvinte-espectador, e fico perguntando com quem está a estupidez.

Ai, aí, desculpa aí, minha insensatez estúpida e mau humorada.

Quer sentar no banquinho de livraria?

Senta, pega um bom livro e lê um pouco.



Handwritten text on the left page, including the word "When the" and several lines of cursive script.

Handwritten text on the right page, consisting of several lines of cursive script.



BANQUINHO PARA OS PÉS

Um dia eu encontrei uma imagem que era mais ou menos assim: um velho senhor oriental deitado no chão, de lado, usando como travesseiro, um pequeno banquinho de madeira. Tive a impressão, no primeiro instante, que o seu banquinho era parecido aos banquinhos para os pés, aos moldes ocidentais. Creio hoje que não era; era sim um banquinho de repouso, não dos pés, mas da cabeça. Os orientais sabem bem que um travesseiro mole, fofinho, mais faz mal do que bem, à nossa coluna vertebral.

Coluna vertebral estranha, a minha. Uma coluna sequelada, tombada para o lado e arqueada para frente e para baixo. Uma torre necessitada de descanso, que quer ser arriada ao chão como as grandes colunas dos templos antigos. Enfrentamento do tempo, território de guerras, a minha coluna.

Mas voltando a história do banquinho, tenho um que poderia ser usado para os meus pés descansarem, mas é tarefa quase impossível pois tenho grande dificuldade de tirar os meus pés do chão, mesmo quando sentada. Em pé então, nem se fala. Dançar? Danço sim, mas como os meus pés coladinhos ao chão ou com passinhos trocados a miúde, assim... numa espécie de reggae.

Como sou criadora de cena, no sentido de teatro (risos), gostaria muito de criar uma onde o meu grande problema como atriz, fosse sentar no banquinho para os pés. Fico imaginando todas as torções que teria que realizar com o meu corpo - 120 kilos aí, gente! (risos) Começo a crer que esta cena que poderia ser a minha primeira cena de clown, será na real, mais uma aprontação de meu velho bufão, que como o velho oriental da imagem que encontrei, quer deitar e rolar, para depois dormir seu sono dos “justos”. Implacável impostor!

Estou em deslocamento .



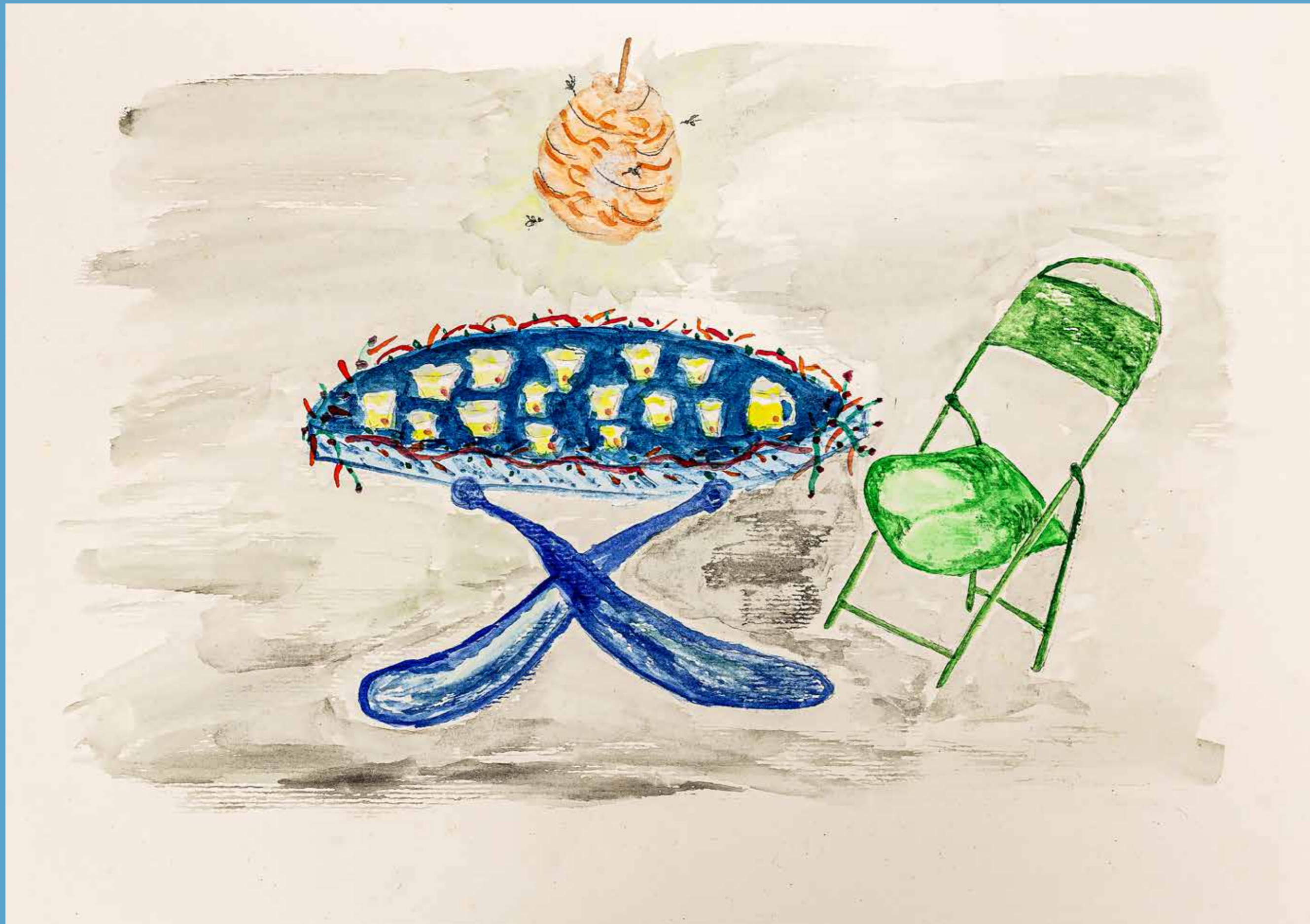
CADEIRA DE BAR

Eu sempre tive que ter cara de pau, todas as vezes que queria sair com os amigos para uma simples cervejinha. É verdade! Por incrível que possa parecer, eu não conseguia sentar nas cadeiras da maioria dos bares de minha cidade. Elas eram, ora frágeis demais para o meu peso, ora estreitas de mais para a minha largura; nada confiáveis para o meu tamanho. Que constrangimento! Dar uma pequena saidinha virava um tormento. Algumas vezes, eu era obrigada a passar pelo bar antes do horário marcado, só para fazer o reconhecimento do lugar, principalmente, dos acentos a minha disposição. Acreditem, na maioria das vezes eu deixava de ir ao encontro dos amigos, só porque as cadeiras dos bares não me cabiam.

Um dia, tomei uma atitude, dando um fim a todo esse sofrimento. Arranjei uma cadeira de ferro, tipo de bar mesmo, resistente e aberta ao meu corpo. Uma cadeira verde, salvadora.

A partir desse dia, nem queria saber qual eram os modelitos das cadeiras, seja lá de que bar fosse. Eu já chegava nos bares com a minha cadeira verde em punho, abria a dita cuja e sentava. Estava cagando pra proposta estética do bar, o dono, garçons e todo mundo. O que interessava era o prazer de estar na noite, nos bares, tomando minhas cervejas com os amigos do coração. Esses, não estranhavam nada a minha performance; ao contrário, era apoio irrestrito. Que bom ter amigos! Eu tenho muitos, principalmente, entre o povo de teatro, das artes. Nós nos reconhecemos.

Então meus amigos, façamos um brinde: que todo gordo brigue pra ser feliz! Saúde à todos!



CADEIRA DE DIRETOR(A)

Desenho em traços finos uma espiral.

Assim, dou início ao processo de criação de uma obra poética, seja ela prática, teórica, cênica, visual...

Gero pensamentos espiralados, corpos moventes entre elementos múltiplos.

Parece pensamento enrolado, este, de criação, e é.

O movimento da espiral faz tudo sair do lugar, e a cada volta, combinações novas revelam outras composições e dobras e vácuos e...

Tanta coisa começa a surgir na minha cabeça e se espalha por todo corpo, pela casa toda e sai pra rua.

Toda essa rotação não faz porto seguro; faz maresia tumultuante; é tufão.

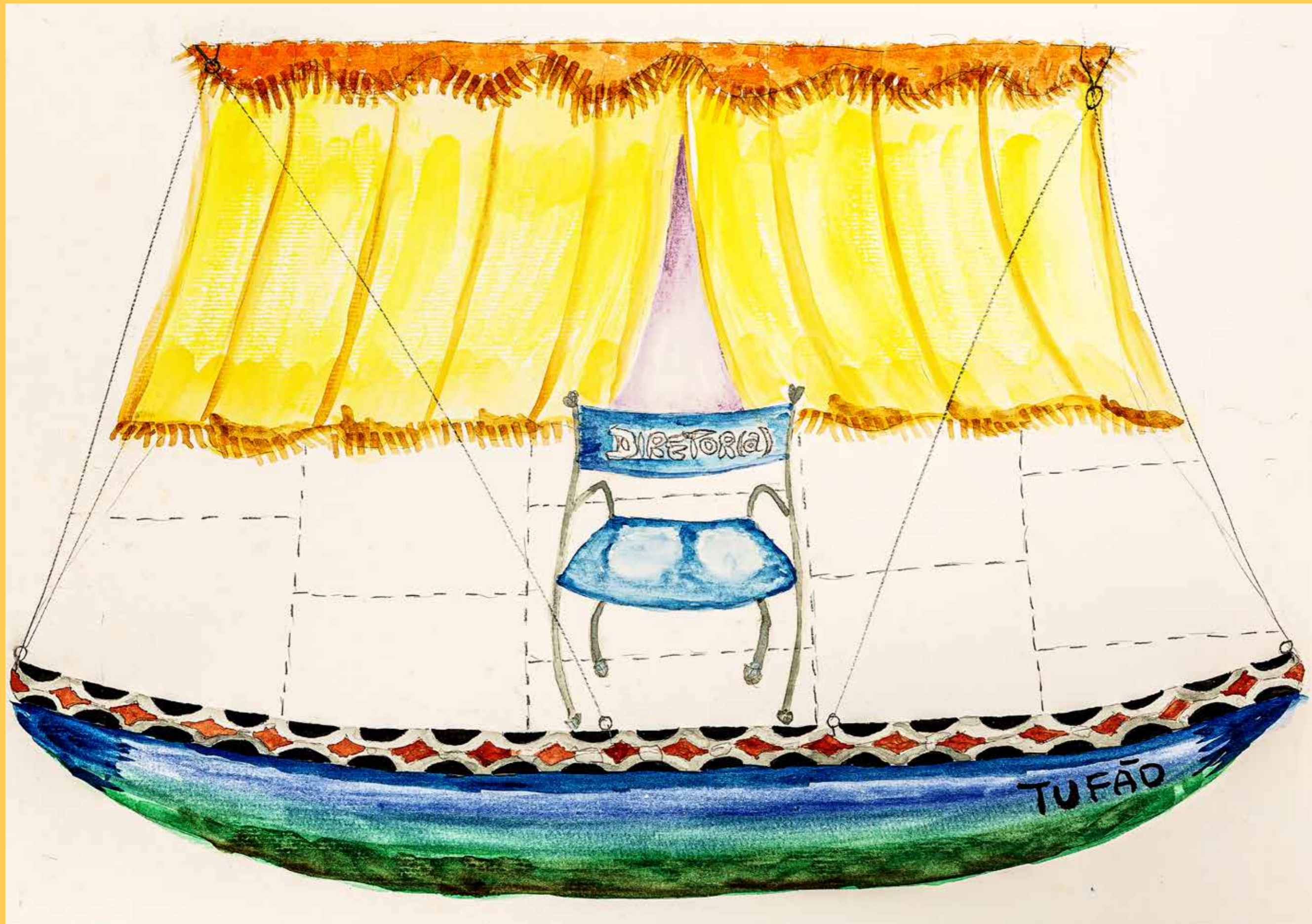
Sim, estar em processo de criação é existir no epicentro de um tufão.

Sou tufão e sou barco a lutar; sou paragem; sou portagem, embarcação, maquinaria, máquina de fazer poesia.

Aqui, alí, aquém e além do outro, encontro comigo, comigo, umbigos, costelas, com elas, com velhas velas do mar, cenarianas confissões, com ficções, confusões...

Tudo na mais serena e mentirosa posição de quem quer apenas assistir sentada numa cadeira de tecido “azul in Plêiades”, em seu espaldar, reto e estreito, escrito:

Aqui jazz e blues, uma diretora.



CADEIRA DA TV

Você já comeu sentada na frente da TV?

Você já se perdeu nas histórias da sessão da tarde?

Você já ouviu os jornais sem compreender o que estava acontecendo?

Você já assistiu uma novela atrás da outra, dando conta num só dia de todas as novelas de todos os canais?

E você, já assistiu o último filme que sempre terminava já na madrugada?

Você já viu a TV sair do ar e ficar na tela apenas umas listas coloridas ao som de um ruído que te fulmina a alma?

Você já desligou a TV quando todos da sua casa já dormiam?

Você já se sentiu só, totalmente só, não apenas só na sua casa, mas só no mundo?

Você já se odiou na frente de uma TV desligada?

Uma TV desligada, desligada...

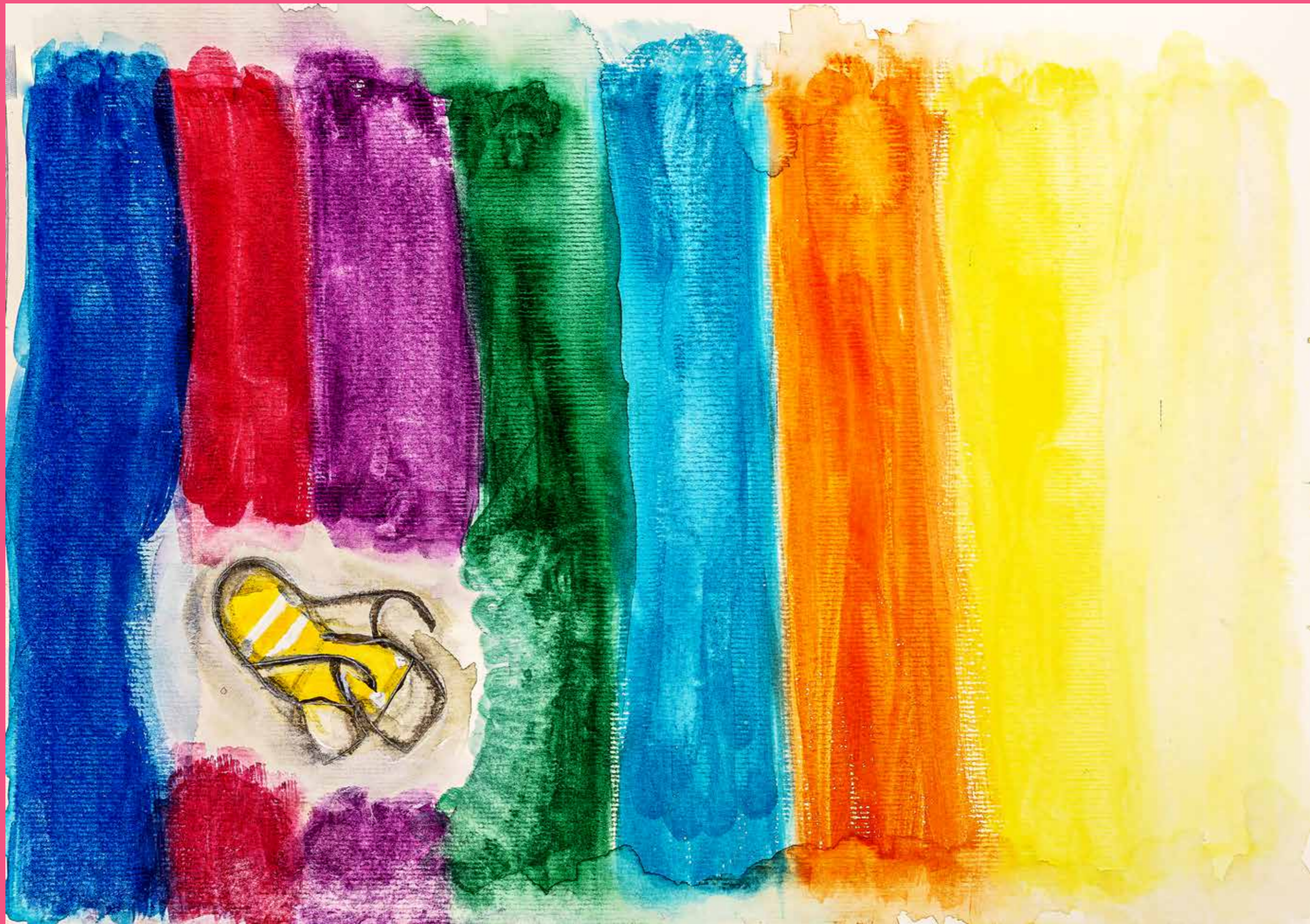
Você já sentiu vontade de ser desligada também?

Não tem quem te desligue.

Ou você se desliga sozinha ou...

Você já sentiu?

Eu já. Muitoooooo.



PENIQUEIRA

Minha amiga Flores foi pra Minas Gerais e eu pedir que ela comprasse umas xícaras de esmalte branco; umas xícaras que parecem penicos em miniaturas. Sou louca por louças de esmalte. Essas louças esmaltadas, lembram avó. Minha avó Isaurica jurava pra mim que aquilo, onde ela me servia o café da manhã, era mesmo um penico, um penico de criança. E eu ficava imaginando como usar um peniquinho tão pequenininho. Essa criança deveria ser mágica!

Usar um penico grande na casa de meus avós era coisa fácil, do dia-a-dia, pois havia uma peniqueira. Peniqueira é uma cadeira com um buraco no assento. Embaixo do assento sempre havia uma prateleira pra guardar um penico grande, assim normal. O penico tinha que ficar, exatamente, na direção do buraco do assento. Não havia como errar, a peniqueira facilitava tudo. Facilitava, por exemplo, de não precisar, ao sentir vontade de fazer xixi, de ter que sair de madrugada, lá pra fora da casa, pra usar a casinha, onde todos faziam as suas necessidades, de dia, é claro. Mas eu nunca usei a peniqueira para fazer algo que não fosse xixi; penso que fazer cocô, seria estranho. Eu dormia perto da peniqueira e dormir com aquele cheiro, seria quase impossível. Também devo confessar que a peniqueira ficava perto da minha rede para que eu não arriscasse ou tivesse desculpas para mixar na rede. Sempre um constrangimento, principalmente perto dos primos.

O tempo passou, minha avó se foi e já adulta comprei uma peniqueira de madeira, quase igual a de minha avó. Mantenho-a no banheiro como um banco de apoio, porque a

minha peniqueira tem camuflagem que não deixa que as pessoas desavisadas a reconheçam em sua real identidade.

Ela está lá pra me lembrar da minha vizinha. E de me lembrar também de fazer xixi, todos os dias, antes de dormir, porque se não, ela entra em cena.



POLTRONA

Olhar para as coisas com olhos de reconhecimento.

Eu precisava encontrar alguns bagulhos meus, de teatro, desaparecidos dos meus olhos já algum tempo. Fui ao quarto de guardados; um quartinho minúsculo no porão de minha casa. Que confusão! Naquele lugar não se acha nada e se encontra de um tudo.

Que espanto, que surpresa! Ao olhar pra um cantinho, Dei de cara com uma velha poltrona, que de tão usada, ainda mantém o meu corpo manchado em seu colo. Aí não resisti - meu corpo lembrou de seus abraços - e sentei sobre a grande mancha deixada pelo meu suor naquele tecido velho, naquelas dobras costuradas que formam aquele acento-ninho.

Foi um mergulho, um mergulho para dentro de mim.

Eu ainda era jovem e fazia teatro de manhã, de tarde e de noite. Às vezes, noite inteira. Quando eu não estava na rua fazendo teatro, estava afundada naquela poltrona. Lá dormia, comia e pensava. Na verdade, nos braços daquela cadeirona eu vivia vida-sonho, meu poetar-pensar. Éramos um corpo só. Lá deixei meu suor, minhas lágrimas, meu sangue, meus gozos. Gozo é modo de falar. Meus gozos do pensar, inventar, devanear.

Mais hoje, olhando para aquela poltrona, vi a mim mesma. Que coisa estranha! Olho para ela e vejo a minha própria vulnerabilidade: sensível, frágil, mas sempre tão aberta pro mundo. Eu contar um pouco, os nossos segredos, talvez me faça bem; me faça potente.

Em 1998 foi um ano extraordinário, porque difícil e inusitado. O ano começou com uma crise séria nas minhas pernas, problemas de circulação. Minhas dores eram tão intensas que eu não

conseguia dormir deitada, as dores ficavam piores. Passei três meses dormindo sentada nessa poltrona. Sentada e apenas cochilando quando a dor ficava mais branda. Para ajudar na tentativa de conforto, ficava agarrada numa rede estendida sobre mim. Por causa dessa situação, fiz uma cirurgia para redução da gordura na barriga para aliviar o corpo. Sim, nessa época pesava mais de 200 quilos.

Alguns meses depois um novo acontecimento marcou minha simbiose com minha poltrona. Em um momento de pânico, ingerir uma quantidade enorme de comprimidos. Passei um dia infernal, entre ambulância, serviço de pronto atendimento emergencial, lavagem intestinal e uma ressaca moral perturbadora. Voltei correndo para o colo desse objeto inanimado. Ali sentia-me amada; ela me acolhia de forma muito amorosa. Eu sentia seu embalar carinhoso.

Pouco tempo depois um grande romance aconteceu comigo. Nela, na poltrona, sentávamos juntas, rindo de tudo, murmurando afetos, ruminando criações, fazendo amor.

Quando ela não resistiu a tantas molecagens de meninas - uma magra e a outra ainda gordíssima - perdeu as pernas.

Pensei: eu não perdi as minhas, mas minha amiga poltrona, perdeu as dela.

Eu gorda e ela também, resolvi apoiar-la sobre tijolos, talvez uma forma de manter nossa relação com uma pitada de risco.

Não encontrei o que estava procurando, mas encontrei algo muito melhor, um reconhecimento para algo além do humano.

Eu amo essa gorda (minha cadeirona) e sei que ela me ama também.



VASO SANITÁRIO

Não resisto e tenho sempre uma cadernetinha aposta no banheiro para a chegada das inspirações. Sentar no vaso sanitário é ação-força altamente criadora!

Chego ainda sonolenta e vou lentamente acordando as camadas do meu corpo.

No início, acordo sensações: “estou sentindo isso, aquilo; literalmente são varizes se insinuando em minhas coxas, preciso ir ao médico; ao menos comprar uma bisnaga daquele gel que minha amiga me ensinou”.

Depois acordo as preocupações: “minha mãe está bem, será? E essa janela do banheiro, quem poderá reconstruí-la, não quero perder seus traços originais!?”.

Em seguida, acordo o senso de organização, que já é tempo: “você precisa tomar um banho mais rápido hoje porque entra em sala-de-aula às 9h da manhã e só termina às 11h da noite, significando arrumar uma verdadeira mala de viagem (não esquecer de uma blusa; material de higiene pessoal; os livros da aula x; os livros da aula y; devolver os desenhos de Aline; pagar o Breno pelos livros comprados via internet; que mais? Hum...). Será que dá tempo de passar no banco? Essa história de biometria das mãos acabou com a minha folga de pedir para Olinda que, caso fosse ao banco, tirasse dinheiro pra mim também. Dá até vontade de cortar a mão - credo, num dá ideia pra bandido”

Ai, tá bom, menos organização e mais devaneios; hora de acordar a inspiração, as grandes ideias, ou mesmo, boas soluções:”E que tal se além do desenho do pensamento

espiralado da minha pesquisa, eu construísse um dispositivo tridimensional desse mesmo pensamento? Uma espécie de brinquedinho do pensar pesquisa? Pode ser muito interessante, vou levar a ideia pro nosso grupo de estudo. Gente... só de imaginar, fico toda arrepiada, vai ter gente enlouquecendo, pirando...Eles são tão inventivos que já sei que vou ter que equilibrar as inventises todas”

Caramba, preciso sair correndo. Toma banho rápido, sua doida!

Será que anotei tudo?



| TAREFAS | HORAS |
|---------|----------|
| 1. ... | 1 hora |
| 2. ... | 2 horas |
| 3. ... | 3 horas |
| 4. ... | 4 horas |
| 5. ... | 5 horas |
| 6. ... | 6 horas |
| 7. ... | 7 horas |
| 8. ... | 8 horas |
| 9. ... | 9 horas |
| 10. ... | 10 horas |

modelo de sistema
triangulação
conexão
objeto
interfacer
questão
como?

pensamento espiralado

BRUTUS DESENHADORES

O QUÊ É?

O Brutus Desenhadores é um coletivo artístico, de Belém do Pará, que experimenta, a partir de narrativas interlinguagens, um processo de criação que fomenta a colaboração, o cuidado, a itinerância, a hibridez, a potência das trajetórias de vida e a expressividade.

QUEM PARTICIPA?

Composto por um grupo de artistas de múltiplas linguagens e trânsitos epistêmicos, sobretudo entre o teatro, a dança, as artes visuais, a educação, a filosofia da diferença, a psicanálise, a terapia ocupacional e a esquizoanálise, este coletivo é formado por Aline Folha, Andréa Flores, Breno Filo, Giselle Moreira, Wlad Lima, Remédios Brito e Rosa Lima.

QUANDO COMEÇOU?

O grupo começou em fevereiro de 2016, a partir de uma série de inquietações em torno do desenho, que sempre foi a base das dinâmicas do grupo, e das problemáticas vivenciadas individualmente e coletivamente.

ONDE ACONTECE?

Nosso processo, inicialmente, foi no no porão da casa da artista Wlad Lima, aonde nos reuníamos semanalmente. Com a ampliação do grupo, formulamos uma dinâmica itinerante, sempre no espaço

de criação particular de algum(a) participante. Com a pandemia passamos a formular uma dinâmica em formato remoto e agora nos encontramos em um movimento de partilhas sensíveis, lançando nossa produção para o encontro com o olhar da comunidade, através de exposições e publicações virtuais.

PORQUÊ ACONTECEMOS?

Pois percebemos que, a vivência de um comprometido processo de experimentação, como hábito de vida, nos torna aptos a produzir mais intensidade em nosso existir. Além disto, encontramos inúmeras maneiras de partilhar com a comunidade os frutos artísticos e educativos de nosso hábito de vida, com empreendimentos como as Clínicas do Sensível, produzidas por Wlad Lima; e o Mundyca | Lab em Rede, coordenado por Breno Filo. Tudo isto amplia nosso espectro de atuação, com muita alegria.

COMO PROCEDEMOS?

A priori, não nos atemos a nenhum material e experimentamos bastante. Em segundo lugar, produzimos um grande intercâmbio de técnicas diferentes, com o contínuo aprendizado e trocas. Também realizamos, de forma contínua, interconexões entre o desenho e outras linguagens artísticas, das artes cênicas à literatura. Nossa dimensão clínica se baseia em diferentes técnicas de escuta, do silêncio ao debate. Nossas trocas afetivas e partilhas de histórias de vida e demandas também são uma grande prioridade e sempre tomadas como base para formulação de nossas poéticas.



Da esquerda para a direita, os autores do e-book *Dor nas Cadeiras*: Wlad Lima, Breno Filo e Aline Folha.

BRUTUS
DESENHADORES